

formularam o seu pensamento ao articularem-no com as idéias iluministas, sendo, por isso mesmo, um representante do Iluminismo luso-brasileiro.

Luiz Viana Filho é o autor do prefácio de *Ideologia e Colonialismo*, onde se salienta a grande importância deste trabalho dentro da historiografia brasileira, porque, como ele próprio diz, “Jobim viu um pouco à frente e realizou estudo marcado pela inovação”. Terminamos exactamente com as palavras bem significativas com que Luiz Viana Filho conclui o seu prefácio: “Sobre o velado pensamento de Vilhena lançou Jobim um jato de luz que nos mostra intenções e entrelinhas até então despercebidas pelos leitores e estudiosos das *Notícias Soteropolitanas e Brasília*s que, sob a lúcida crítica de Jobim, adquirem nova dimensão, para dividirem o lugar, que tiveram até hoje entre as crónicas do Brasil colonial, com o que certamente lhes cabe na história da evolução do pensamento político no fecundo Século das Luzes”.

\*Universidade Nova de Lisboa  
Lisboa

CABRELLI, Alfonso Fernández. *Masones y Artiguistas en la Banda Oriental*. Montevideo, América Una, (1986). 258 pp.

Earle D. Macarty Moreira \*

Com esta reimpressão parcial de “*Masonería, Morenismo, Artiguismo*”, de 1982, definida como a segunda parte de “*Masonería y Sociedades Secretas en las luchas emancipadoras de la Patria Grande*”, de 1975, o Autor se propõe a estudar a aparição e o desenvolvimento, no Uruguai, da Maçonaria e de sua influência na revolução popular artiguista.

No primeiro capítulo, rastreia, por entre indícios e incertezas, o aparecimento da “Ordem Fraternal” em Montevideú. É interessante o estudo feito sobre as assinaturas dos principais personagens época — fins do século XVIII e começos do XIX — cujas rubricas mostravam sinais característicos daquela instituição: “Descartando los clásicos trespuntos y algún otro menos usado, el signo a que nos referimos se destacaba entre los muy complicados diseños con que los hombres de la época adornaban sus firmas, por su

reiteración, similitud, y por esa coincidencia, exacta coincidencia, que terminamos de referir. (...) ese signo era ciertamente de uso entre los miembros de la francmasonería y caracteriza actualmente uno de los más altos grados de la Orden.” (p.11-12)

Muitos eram sacerdotes; outros, comerciantes e estancieiros; outros, ainda, destacados cidadãos: o Pe. Larrañaga, Francisco Juanicó, Juan e Gerónimo Pio Bianqui, Julián Laguna, Nicolas de Herrera, Lucas José Obes, Fructuoso Rivera...

Embora, como sociedade secreta, combatida pela Igreja, os ideais maçônicos propagaram-se em importantes setores do clero católico, que se tornaram seus mais ativos aliciadores. O A., invocando documentação e bibliografia respeitável, observa que, na Banda Oriental, o percentual de 14% de sacerdotes maçons, verificado na França, é superado no período imediatamente anterior às lutas emancipadoras até a consolidação da Independência.

Atribui especial relevância, para o caso, à célebre expedição militar de Cevallos, em 1776; à criação do Vice-Reinado do Rio da Prata; e, ao Decreto de Livre Comércio, dois anos depois. Estas ocorrências marcam um notável incremento das atividades maçônicas em Montevidéu, embora já em meados do século haja traços visíveis das mesmas, notadamente no governo de José Joaquim de Viana. Este, aliás, em conflito com Cevallos, ostensivo protetor dos jesuítas na questão missioneira.

É digno de nota o papel das chamadas “expedições científicas” da época, geralmente bastante mais do que isso. P.ex.: o abade beneditino e hierarca maçônico Pernetty, que acompanhou a célebre viagem de Bougainville, foi, segundo o “Diccionario Enciclopédico de la Masonería”, 1976, t.2, p.1075, “plantador de ramas de Acacia”, “uno de los principales innovadores de la Institución” e “infatigable en su actividad de fundar Logias”. (Cit. p.16-18).

A expedição de D. Pedro Cevallos, que fez periclitar a dominação portuguesa no sul do Brasil, trouxe consigo alguns médicos e cirurgiões, que radicaram-se em Montevidéu por vários anos ou em definitivo, bem como oficiais do exército, da marinha e funcionários públicos elevados, “irmãos” pela maior parte, que deixaram marcada influência na sociedade montevidéana.

No movimento portuário de Montevidéu, especialmente incrementado a partir de 1781, o A. encontrou um dos influxos mais constantes e mais consideráveis no que tange à difusão das “novas idéias”. Dá particular atenção à chegada das naves “bostonianas” e às vinculações dos comerciantes e marujos norte-americanos no Rio da Prata: “...comprobamos que en todos los personajes, tanto porteños como montevidéanos, involucrados o vincula-



dos de alguna manera a los referidos acontecimientos, se destaca un denominador común: su calidad de francmasones”. (p.53)

Quanto à atuação dos frades franciscanos e ao papel da Cátedra de Filosofia que passou a dar-se no Convento de São Bernardino, a partir de 1786, escreve que “representó para la expansiva sociedad montevideana la más importante palanca removedora de inquietudes ideológicas y creadora de cultura humanista con que contó la ciudad desde su fundación hasta la época artiguista. Ocurrió, en efecto, que los cursos iniciados fueron dictados por un fraile adherido firmemente a la masonería, don Mariano Chambo...”. (p.30)

Dos bens de D. Francisco Ortega y Monroy, “nombrado primer comandante del Resguardo de todas las Rentas”, embargados à sua morte e cujo depositário foi o pai do caudilho Artigas, constava uma riquíssima biblioteca, cujo inventário, esmiuçado detalhadamente, revela um nutrido conjunto de obras “revolucionárias” ou “luciferinas”, cujo acesso aos frequentadores do círculo de São Bernardino era franqueado, sendo Ortega y Monroy um deles. (p.36-38)

Outras bibliotecas, cujos inventários impressionam, foram as de Joaquín de la Sagra y Periz e as dos curas Perez Castellano e Larrañaga, e José Raymundo Guerra, “que casi seguramente corresponde a libros del convento franciscano”. (p.43)

Da tabulação dos autores relacionados nesses espólios, A. Fernandez Cabrelli conclui: “De esta manera nos hemos enterado de la segura existencia en las librerías del Río de la Plata – nosotros, por los fundamentos expuestos, pensamos que en las bibliotecas orientales del período prerevolucionario, reunidas más tarde en la biblioteca artiguista de 1816 –, de los más destacados expositores de las más diversas manifestaciones del pensamiento liberal difundido por la francmasonería.” (p.49)

José Artigas e seu círculo mais chegado e mais “ilustrado”, embora haja atuado “con total independencia de toda dirección u orientación externa”, não ficou imune a essas influências. A demonstração disso é a meta colimada nos dois capítulos seguintes: “La revolución popular artiguista” e “El artiguismo en el poder”.

A formação social e política do grande líder; sua extraordinária identificação com as aspirações da massa rural das campanhas entrerrianas, correntinas, santafecinas, missioneiras e orientais; sua idealística visão da “Patria Grande” e sua realística consciência da “Patria Chica”; o conflito com os “lauterinos” portenhos; tudo isto desenha-se em traços firmes nestes capítulos conclusivos.

Particularmente feliz, por sua meridiana clareza, o enfoque do problema da terra na revolução artiguista. Revolução na plena acepção da pala-

vra, na medida em que acrescenta, a uma proposta de alteração do “*status quo*” político, uma radical transformação na concepção vigente do direito de propriedade. Transformação esta que, se levada a cabo com êxito, teria alterado toda a estrutura social herdada dos tempos coloniais. Em suma: “El fracaso que, en lo inmediato, aplastó al movimiento artiguista resulta explicable si tenemos en cuenta las circunstancias históricas desfavorables en que intentó llevar a la practica sus radicales proyectos, especialmente aquellos atinentes a la materia económico-social.” (p.256)

O texto de Fernández Cabrelli é enxuto, lógico e direto, comparecendo a documentação examinada e a bibliografia de apoio sempre no momento exato, adequadamente, revelando o historiador consciencioso e hábil.

\*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Departamento de História  
90620 Porto Alegre - RS